

REVERSÃO DO PARADOXO

A recessão da economia em 2015 impactou fortemente os números do mercado de trabalho que, por sua vez, refletiram-se em aumentos nas taxas de desemprego, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul. Essa situação não se verificava nos últimos anos e formava um aparente paradoxo: queda na taxa de desocupação mesmo com a desaceleração na criação líquida de vagas. Em termos setoriais, a Indústria segue sendo o setor mais afetado com a queda da produção e cortes de empregos, cenário válido tanto no âmbito estadual quanto nacional. A combinação de destruição líquida de postos de trabalho com o aumento da inflação fez com que a renda real dos trabalhadores sofresse retração, o que tem relação direta com as decisões de consumo. Para 2016, a expectativa é de que o mercado de trabalho continue se deteriorando.

O ano de 2015 foi muito difícil para o mercado de trabalho brasileiro. A forte queda na atividade econômica e o fraco desempenho de todos os indicadores conjunturais fizeram a geração líquida de empregos formais, que é a diferença entre o número total de contratações e o de demissões de trabalhadores com carteira assinada, sofrer uma desaceleração intensa. Somente dois meses do ano apresentaram criação de novos postos de trabalho, a saber, fevereiro e março. Todos os outros ficaram no campo negativo, o que representa a destruição de vagas. A marca de 1 milhão de vagas fechadas no acumulado em 12 meses foi atingida em setembro. Em outubro, foram 1,4 milhão de postos de trabalho perdidos.

No ano passado, a situação do mercado de trabalho brasileiro foi bastante peculiar. A atividade econômica desacelerava e com isso a geração de empregos, porém as taxas de desemprego mativeram-se em patamares baixos. Entretanto, nesse ano, essa situação não se verificou, quebrando a tendência de queda que vinha desde 2009. A taxa de desocupação nas principais regiões metropolitanas do país, medida pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME), foi de 7,9% no mês de outubro, o maior valor desde agosto de 2009. Já a taxa medida pela PNAD Contínua, que teve início em 2012 e é uma pesquisa mais abrangente que a PME, registrou 8,9% para o terceiro trimestre de 2015.

No Rio Grande do Sul, as circunstâncias não são muito diferentes. A forte queda na atividade se reverteu em uma destruição de 58,8 mil empregos entre janeiro e outubro. O setor mais afetado continua sendo a Indústria, que mesmo com estoque de trabalhadores menor em relação ao setor de Serviços, apresentou um número maior de fechamento de vagas de emprego. O enfraquecimento do mercado de trabalho gaúcho também pode ser visto pela variação das taxas de desemprego. As duas pesquisas, PME e PNAD Contínua, registraram aumentos nas taxas de desocupação.

Com números tão negativos em termos de emprego e, além disso, a alta da inflação, era inevitável a perda do poder de compra da população. Isso pode ser visto pela queda nos rendimentos reais tanto em nível nacional quanto estadual. O preocupante é que essa trajetória de declínio nos salários reais deve continuar no próximo ano, levando em conta que a inflação e a taxa de desemprego devem continuar altas.

O ano de 2015 foi marcado pela baixa confiança dos agentes econômicos e os cenários para o próximo ano apontam para uma situação nada alentadora. A crise política e a falta de reformas estruturais, que a tanto tempo são esperadas, não devem ocorrer em 2016. O fraco desempenho projetado para a atividade econômica deve continuar refletindo no mercado de trabalho, com duros ajustes nos níveis de emprego e renda.

Brasil: intenso fechamento de vagas teve impacto na taxa de desemprego

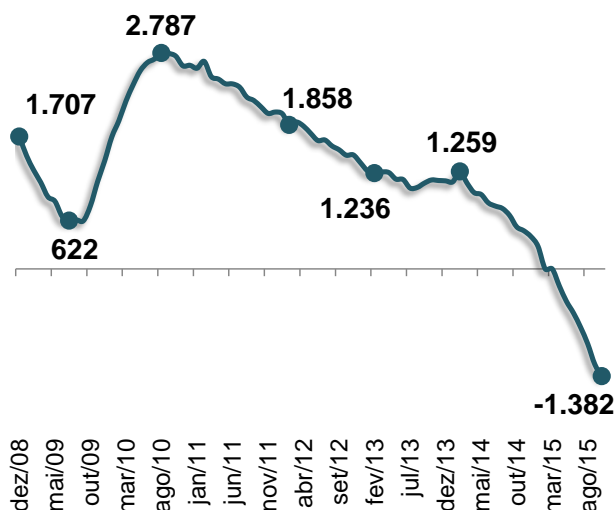
A recessão que afeta a economia brasileira pode ser percebida pela piora nos diversos indicadores conjunturais, incluindo os de mercado de trabalho, que atingem de forma direta a vida das pessoas através do aumento do desemprego e da queda dos rendimentos. Convém lembrar, no entanto, que a criação de vagas de emprego formais vem desacelerando desde 2010, ou seja, o aperto nas condições desse mercado está em linha com o desaquecimento do nível de atividade. O saldo de geração de empregos formais, medido pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), considerando as declarações fora do prazo¹, registrou a criação líquida de 2,8 milhões de postos de trabalho no acumulado em 12 meses encerrados em agosto daquele ano.

Desde então, o ritmo de desaceleração manteve-se praticamente constante até fevereiro de 2014 e se intensificou nos meses seguintes (gráfico 4.1). No acumulado em 12 meses, a partir de abril de 2015, o saldo de geração de empregos entrou no campo negativo. De novembro de 2014 a outubro de 2015 foram destruídas 1,4 milhão de vagas. Geralmente, a partir do segundo semestre, o mercado de trabalho aquece em função do aumento da produção para os pedidos de final de ano. Porém, em 2015, com a piora da economia, essa situação não se verificou, com o mês de outubro registrando o pior resultado para a geração líquida de empregos do ano, com 169,1 mil vagas a menos. No primeiro semestre, os postos de trabalho perdidos somam 318,5 mil e, com apenas quatro meses observados no segundo semestre, o número já é de -500,4 mil.

O gráfico 4.2 mostra o esfriamento do mercado de trabalho brasileiro. Mesmo com todos os meses de 2015 apresentando queda no número de desligamentos em relação aos respectivos meses de 2014, o saldo se apresenta negativo, principalmente, em função do grande recuo nas admissões. O número mais expressivo foi registrado em outubro, com 31,5% de admissões a menos que o mesmo mês de 2014.

Gráfico 4.1. Geração de empregos formais no Brasil

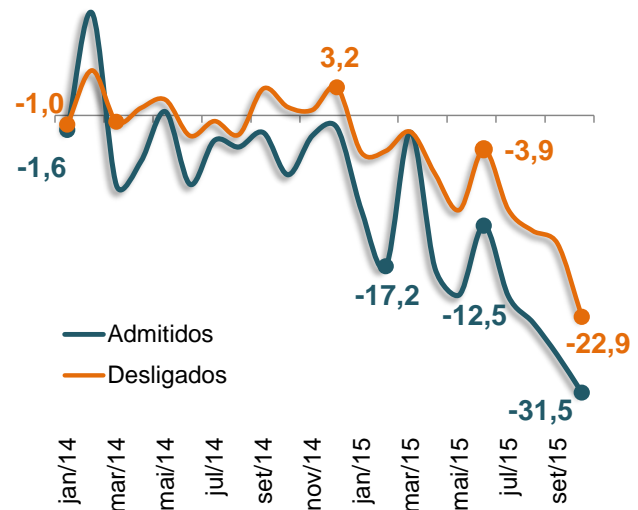
(Em mil pessoas – acum. em 12 meses)



Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.2. Volume de admissões e desligamentos no Brasil

(Var. % em relação ao mesmo mês do ano anterior)



Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

¹ Dados coletados em 23/11/2015.

Os resultados ruins do mercado de trabalho formal são preocupantes não apenas por demonstrarem uma redução no bem estar da população, causada pelas menores oportunidades de trabalho e/ou pela perda de emprego, mas também por renunciarem que os tempos continuarão difíceis no futuro próximo. Dadas as características intrínsecas do mercado de trabalho brasileiro, entre as quais se destacam a elevada rigidez, as empresas costumam evitar o processo de desligamento dos trabalhadores quando há perspectivas de retomada da atividade no curto prazo.

No entanto, com a queda acentuada na atividade e a falta de expectativas de melhora, o aumento nas demissões e a contração nas admissões se tornam movimentos inevitáveis. Em 2015, no acumulado até outubro já são 818,9 mil vagas perdidas. Esse número se torna mais expressivo quando comparado com o mesmo período do ano passado, onde 983,6 mil novas vagas foram geradas.

Tabela 4.1. Saldo da geração de empregos formais no Brasil por setores de atividade econômica

(Em pessoas – acum. entre janeiro e outubro)

	2014 (A)	2015 (B)	(B)-(A)	B/A (%)
Agropecuária	96.997	90.517	-6.480	-6,7
Indústria	137.726	-613.458	-751.184	-545,4
Extrativa	1.680	-13.688	-15.368	-914,8
Transformação	47.449	-320.230	-367.679	-774,9
Alimentos	42.053	21.922	-20.131	-47,9
Bebidas	-1.888	-3.457	-1.569	-83,1
Tabaco	1.842	1.117	-725	-39,4
Têxteis	5.960	-22.142	-28.102	-471,5
Vestuário e Acessórios	11.539	-30.378	-41.917	-363,3
Couro e Calçados	6.172	-706	-6.878	-111,4
Produtos de Madeira	3.207	-4.004	-7.211	-224,9
Celulose e Papel	3.864	-3.303	-7.167	-185,5
Impressão e Reprodução	-908	-5.813	-4.905	-540,2
Refino de Petróleo	10.274	6.723	-3.551	-34,6
Químicos	6.796	-6.001	-12.797	-188,3
Farmacêuticos	4.703	2.609	-2.094	-44,5
Borracha e Plástico	2.980	-27.100	-30.080	-1.009,4
Minerais não Metálicos	2.594	-16.680	-19.274	-743,0
Metalurgia	-6.277	-17.697	-11.420	-181,9
Produtos de Metal	-7.735	-40.280	-32.545	-420,7
Equipamentos de Informática e Eletron.	-5.588	-23.564	-17.976	-321,7
Material Elétrico	-3.345	-21.903	-18.558	-554,8
Máquinas e Equipamentos	-10.768	-37.482	-26.714	-248,1
Veículos Automotores	-34.484	-51.315	-16.831	-48,8
Outros Equipos de Transporte	-1.221	-7.231	-6.010	-492,2
Móveis	389	-18.125	-18.514	-4.759,4
Produtos Diversos	3.124	-5.246	-8.370	-267,9
Manut e Rep de Maq e Equipos	14.166	-10.174	-24.340	-171,8
Serv. Ind. de Utilidade Pública	7.096	-6.791	-13.887	-195,7
Construção	81.501	-272.749	-354.250	-434,7
Construção de Edifícios	30.136	-136.438	-166.574	-552,7
Obras de Infraestrutura	2.256	-106.866	-109.122	-4.837,0
Serviços para Construção	49.109	-29.445	-78.554	-160,0
Serviços	748.855	-295.977	-1.044.832	-139,5
Total	983.578	-818.918	-1.802.496	-183,3

Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

Neste contexto, a análise dos três grandes setores na economia mostra que a Indústria é aquele que tem encontrado maiores dificuldades, com queda de 545,4% no saldo de geração de empregos formais no acumulado do ano até outubro em relação a 2014. Na Agropecuária e nos Serviços, embora também tenha ocorrido retração, estas foram consideravelmente menores (6,7% e 139,5%, respectivamente). Em termos absolutos, mesmo com um peso no PIB muito inferior ao setor de Serviços, a Indústria também foi o setor que mais fechou vagas em 2015. Foram 613,5 mil empregos a menos contra 296,0 mil do setor de Serviços.

O quadro recessivo se mostra difundido entre os quatro subsetores que compõem a Indústria. Todos eles registraram queda na geração de empregos no acumulado até outubro em relação ao mesmo período de 2014 (tabela 4.1). No setor de Construção, que fechou 272,7 mil vagas no acumulado até outubro deste ano, o destaque negativo ficou por conta do segmento de Construção de edifícios, que criou 30,1 mil novos empregos em 2014 e, nesse ano, foram 136,4 mil vagas fechadas, na mesma base de comparação.

Contudo, a Indústria de transformação é a que apresenta perdas mais intensas. No total, foram fechados 320,2 mil empregos nos dez primeiros meses de 2015, sendo que, no mesmo período de 2014, houve criação de 47,4 mil vagas. Dos 24 segmentos que a compõem, 20 apresentaram saldo negativo no acumulado de janeiro a outubro de 2015. Os principais destaques negativos foram Veículos automotores, Produtos de metal e Máquinas e equipamentos (51,3 mil, 40,3 mil e 37,5 mil, respectivamente). Os oito segmentos que compõem o denominado Complexo metal mecânico² apresentaram pior desempenho em relação a 2014 e juntos somam 209,6 mil postos de trabalho a menos em 2015.

Com a queda na atividade, diversas medidas foram tomadas por parte das empresas na tentativa de manter seus trabalhadores, apesar do cenário adverso na economia. Uma das alternativas foi a adoção do sistema de *lay-off*, que pode se dar de duas formas. Na primeira, os trabalhadores são suspensos (mas não desligados) e, durante o afastamento, realizam cursos de qualificação profissional e têm seus salários pagos pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), por meio da rubrica denominada “Seguro Desemprego – Bolsa Qualificação”. Fica a cargo do empregador conceder ou não uma ajuda compensatória mensal, sem natureza salarial. Na segunda, há uma redução das horas de trabalho semanais e nos salários, cujo corte pode chegar a 25%. Além disso, muitas empresas têm adotado férias coletivas, na tentativa de reduzir seus custos sem precisar desligar os trabalhadores.

Os números do pessoal ocupado e das horas trabalhadas na Indústria brasileira (gráfico 4.3) evidenciam esses movimentos. Desde o início de 2014, ambas as variáveis têm apresentado desaceleração na variação acumulada em 12 meses. No caso das horas trabalhadas, o índice saiu de -4,5% em janeiro de 2015 para -8,8% em outubro. Para o nível de emprego, medido pelo índice de pessoal ocupado, passou de -1,1% para -4,8%, na mesma base de comparação.

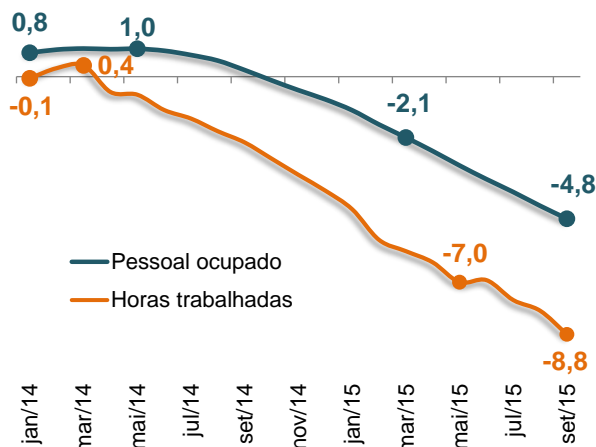
O comportamento bastante peculiar do mercado de trabalho brasileiro até 2014, onde mesmo com a queda na atividade as taxas de desemprego seguiram a trajetória declinante que vinha desde 2006, não se verificou em 2015. O gráfico 4.4 mostra o aumento que houve na taxa desocupação em 2015, considerando a média entre janeiro e outubro, o que a fez voltar a patamares próximos aos observados em 2010. Os dados são da Pesquisa Mensal do Emprego (PME) produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que abrange as seis principais regiões metropolitanas do país³. Em relação ao mesmo período de 2014, o aumento foi de 1,9 p.p.. A menor geração de empregos para o total da economia também está refletida nos

² O Complexo metal mecânico é formado pelos segmentos de: Metalurgia, Produtos de metal, Equipamentos de informática e eletrônicos, Material elétrico, Máquinas e equipamentos, Veículos automotores, Outros equipamentos de transporte e Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos.

³ A saber: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre.

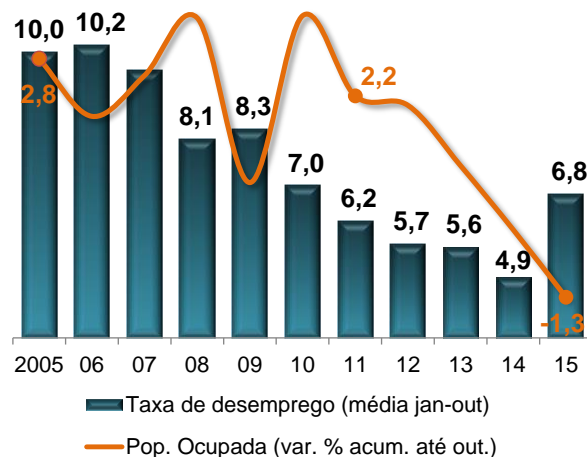
números da população ocupada. No acumulado do ano até outubro, esta apresentou queda de 1,3% em relação ao mesmo período do ano passado.

Gráfico 4.3. Horas trabalhadas e pessoal ocupado na Indústria de transformação – BR
(Var.% acum. em 12 meses)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.4. Taxa de desemprego e população ocupada nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil
(Média jan-out e var. % acum. até out, respectivamente)

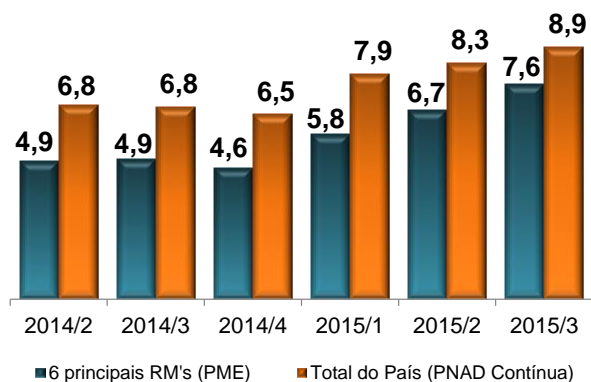


Fonte: IBGE/PME. Elaboração: FIERGS/UEE.

Os resultados contidos na PME não necessariamente retratam de forma fidedigna a situação nacional. Nas menores cidades, em que a população possui menos oportunidades de emprego e as vagas disponíveis são mais limitadas, a cenário é mais intenso.

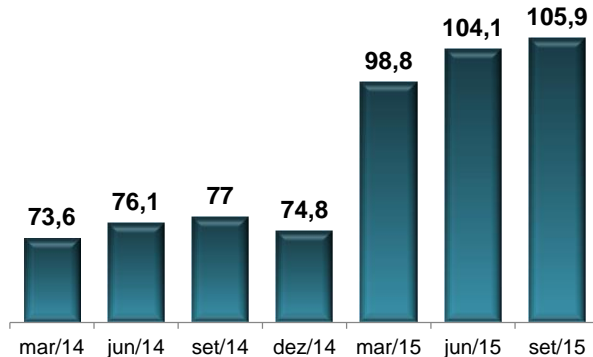
Uma pesquisa que busca coletar dados mais condizentes com a situação nacional é a PNAD Contínua, que também é conduzida pelo IBGE. A divulgação dos dados relacionados ao mercado de trabalho é trimestral e possui dois aspectos diferentes em relação a PME que merecem destaque. O primeiro é sua abrangência nacional, saindo do escopo das regiões metropolitanas. O segundo é considerar uma pessoa em idade ativa se possuir 14 anos ou mais, ao invés dos 10 anos de idade levados em conta pela PME.

Gráfico 4.5. Taxa de desemprego no Brasil
(Em % no trimestre)



Fonte: IBGE/PME e PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.6. Medo do desemprego no Brasil
(Índice de base fixa mensal Jan/2003=100)



Fonte: CNI/Termômetros da sociedade brasileira. Elaboração: FIERGS/UEE.

No gráfico 4.5. é feita uma comparação entre os resultados trimestrais da PNAD Contínua e os valores médios para os respectivos trimestres reportados pela PME. Observa-se que a taxa de desemprego calculada com os dados da primeira são, em média, 31,4% maiores em relação aos da segunda. A partir do quarto trimestre de 2014, onde a taxa de desemprego medida pela PNAD Contínua foi de 6,5%, três altas consecutivas se sucederam fechando o terceiro trimestre de 2015 em 8,9%. São 2,4 pontos percentuais a mais nesse ano.

É importante ressaltar que não há uma pesquisa certa e outra errada. O que temos no Brasil são duas pesquisas sobre o mesmo tema e realizadas pelo mesmo instituto, mas com metodologias e, sobretudo, âmbitos diferentes. A partir do próximo ano, apenas a PNAD Contínua será mantida pelo IBGE. A PME será encerrada em fevereiro, tendo sua última divulgação em março de 2016.

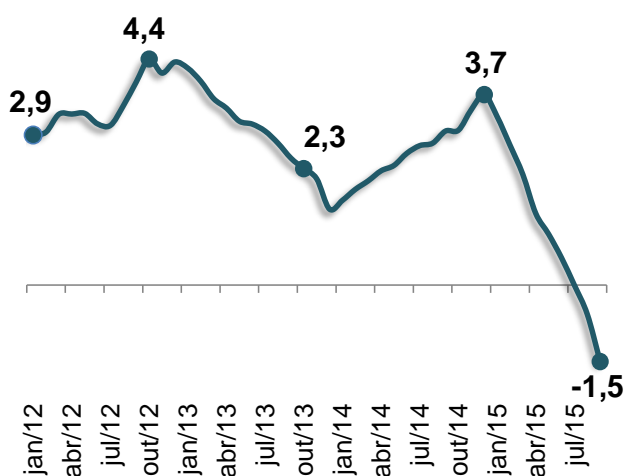
A percepção da população quanto a frágil situação da economia é evidenciada pelos resultados do Índice de Medo do Desemprego (IMD). Produzido trimestralmente pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), este indicador identifica o sentimento da população brasileira em relação ao mercado de trabalho, o que pode servir de apoio em projeções da evolução do consumo das famílias. O IMD é um índice de base fixa, que tem a média de 2003 como valor de referência ($média/2003 = 100$). Quanto maior o índice, mais preocupação com o desemprego foi reportada pelas pessoas.

Como pode ser observado no gráfico 4.6, no primeiro trimestre de 2014, o índice estava em 73,6 pontos e manteve-se praticamente constante até o quarto trimestre, encerrando o ano com leve aumento de 1,6% (74,8 pontos). Porém, já no primeiro trimestre de 2015, com um aumento considerável de 32,1% em relação ao final de 2014, o índice alcançou o patamar de 98,8 pontos. Após duas altas, chegou ao terceiro trimestre de 2015 em 105,9, o terceiro maior de toda a série, que inicia em 1999. Somente os valores registrados para o segundo e terceiro trimestre do ano inicial foram superiores (108,5 e 107,3, respectivamente). O aumento da preocupação das pessoas com o desemprego de 2014 para 2015 pode ser visto pela forte elevação na média do IMD, que passou de 75,4 para 102,9 pontos.

Diferentemente do ano de 2014, onde o mercado de trabalho demonstrava sinais de enfraquecimento e mesmo assim os salários continuavam a obter aumentos reais, em 2015, as seguidas quedas nos níveis de emprego e o aumento da inflação foram acompanhadas pelo forte declínio dos rendimentos reais. Na variação acumulada em 12 meses, após registrar 3,5% de aumento em dezembro de 2014, houve uma forte desaceleração em todos os meses seguintes. Em janeiro de 2015, a variação foi de 3,3%, chegando a zero em julho e queda real de 1,5% em setembro, na mesma base de comparação (gráfico 4.7).

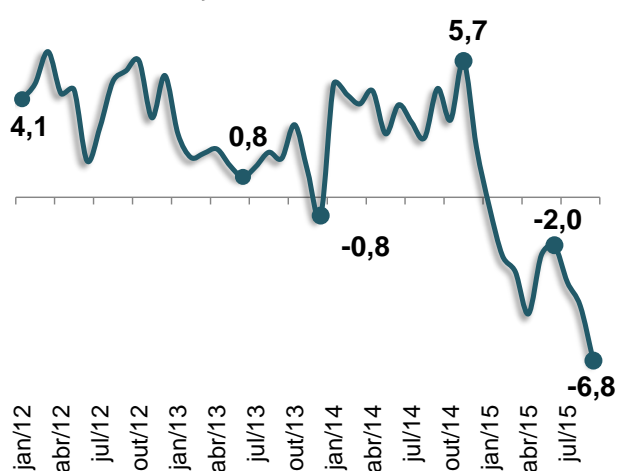
Esse forte declínio nos rendimentos pode ser melhor visualizado pela variação real frente ao mesmo mês do ano anterior (gráfico 4.8). Em todos os meses de 2015, os salários reais foram menores em relação aos mesmos meses de 2014. Em janeiro, o mês que apresentou menor queda, a variação negativa foi de 0,4%. Já o mês com pior desempenho frente ao mesmo mês do ano anterior foi setembro, com queda real de 6,8%.

Gráfico 4.7. Rendimentos médios reais efetivamente recebidos – total das seis principais RM's do Brasil
(Var. % acum. em 12 meses)



Fonte: IBGE/PME. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.8. Rendimentos médios reais efetivamente recebidos – total das seis principais RM's do Brasil
(Var. % em relação ao mesmo mês do ano anterior)



Fonte: IBGE/PME. Elaboração: FIERGS/UEE.

Os números do mercado de trabalho brasileiro são bastante preocupantes. Os aumentos dos desligamentos, bem como a forte redução das contratações e das horas trabalhadas, apontam para um cenário adverso, indicando pouca possibilidade de uma retomada do nível de atividade no futuro próximo.

Rio Grande do Sul: números ruins se devem principalmente à Indústria

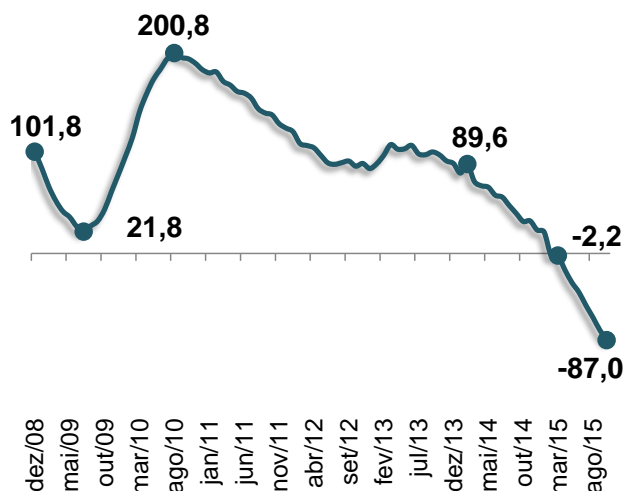
Assim como no Brasil, a atividade econômica no Rio Grande do Sul em 2015 também foi e segue bastante afetada pela recessão. Os ajustes no mercado de trabalho, com o objetivo de alinhar os níveis de mão de obra com a produção, estão impactando fortemente o saldo de geração de empregos. Segundos os dados do CAGED, considerando-se o saldo acumulado em 12 meses e tendo em conta as declarações fora do prazo⁴, o campo negativo no saldo de geração de empregos foi atingido no mês de fevereiro de 2015, com a perda de 1,9 mil vagas. O cenário continuou a se deteriorar e chegou ao menor valor em outubro, onde foram destruídos 87,0 mil postos de trabalho formais no Estado na mesma base de comparação (gráfico 4.9). Somente nos últimos sete meses a perda de vagas chega a 85,0 mil.

No Estado, embora tenha ocorrido uma diminuição dos desligamentos (-12,8% no acumulado de janeiro a outubro deste ano, em comparação com o mesmo período do ano passado), o que chama a atenção é a queda no número de admissões (-20,5%, na mesma base de comparação). No gráfico 4.10, observa-se que em todos os meses de 2015 houve queda em relação ao mesmo mês do ano anterior, tanto no número de admissões quanto no número de desligamentos. Em outubro, houve decréscimo nas contratações de 34,2% na comparação com outubro de 2014. No ano corrente, para quase todos os meses (a exceção foi o mês de março), a variação negativa nas admissões foi de maior intensidade em relação a ocorrida nos deligamentos.

⁴ Dados coletados em 23/11/2015.

Gráfico 4.9. Geração de empregos formais no Rio Grande do Sul

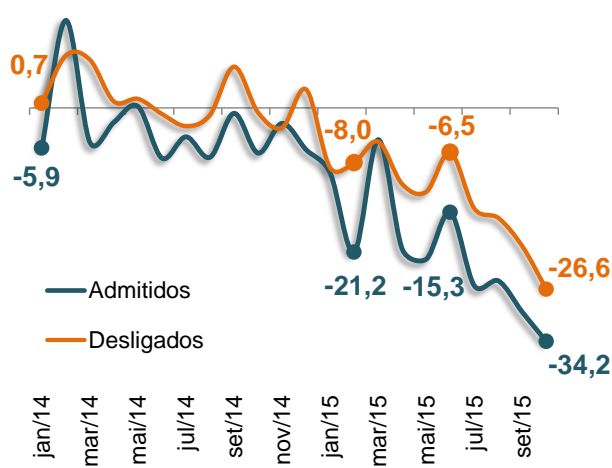
(Em mil pessoas – acum. em 12 meses)



Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.10. Volume de admissões e desligamentos no Rio Grande do Sul

(Var. % em relação ao mesmo mês do ano anterior)



Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

No acumulado de janeiro a outubro deste ano, foram perdidos 58,8 mil postos de trabalho formal, o que representa um resultado 215,3% inferior ao mesmo período de 2014. Entre os grandes setores da economia (tabela 4.2), apenas a Agropecuária apresentou um número maior de criação de postos de trabalho em relação ao ano anterior. Foram criadas 967 novas vagas no setor primário, um aumento de 61,7% frente ao acumulado entre os meses de janeiro e outubro do ano passado. No setor de serviços, que em 2014 apresentou a maior geração líquida de vagas entre os setores no acumulado do ano até outubro, em 2015 soma 21,2 mil empregos destruídos no mesmo período. Em termos relativos, a queda é de 154,3%. Contudo, é na Indústria que observa-se a maior perda de vagas, tanto em termos absolutos (38,6 mil postos de trabalho fechados de janeiro a outubro de 2015) quanto em termos relativos (-439,5% frente ao saldo observado em 2014 no mesmo período).

O resultado negativo da Indústria gaúcha se deve ao fraco desempenho dos seus principais subsetores: Indústria de transformação e Construção. O fechamento de vagas observado entre janeiro e outubro de 2015 em cada segmento foi de 27,8 mil e 9,9 mil, respectivamente. Das 24 atividades da Indústria de transformação, 23 apresentaram retração no número de empregos, na mesma base de comparação. Apenas o segmento de Refino de petróleo registrou um número menos negativo que em 2014 (-74 em 2015 contra -113 em 2014, no agregado de janeiro a outubro).

Tabela 4.2. Saldo de geração de empregos formais no RS por setores de atividade econômica

(Em pessoas – acum. entre janeiro e outubro)

	2014 (A)	2015 (B)	(B)-(A)	B/A (%)
Agropecuária	598	967	369	61,7
Indústria	11.362	-38.574	-49.936	-439,5
Extrativa	630	-424	-1.054	-167,3
Transformação	4.715	-27.848	-32.563	-690,6
Alimentos	3.524	1.023	-2.501	-71,0
Bebidas	353	46	-307	-87,0
Tabaco	1.941	1.020	-921	-47,4
Têxteis	426	-518	-944	-221,6
Vestuário e Acessórios	776	-1.034	-1.810	-233,2
Couro e Calçados	-207	-1.636	-1.429	-690,3
Produtos de Madeira	76	-342	-418	-550,0
Celulose e Papel	249	-221	-470	-188,8
Impressão e Reprodução	100	-412	-512	-512,0
Refino de Petróleo	-113	-74	39	34,5
Químicos	1.181	399	-782	-66,2
Farmacêuticos	42	40	-2	-4,8
Borracha e Plástico	1.097	-2.074	-3.171	-289,1
Minerais não Metálicos	-114	-497	-383	-336,0
Metalurgia	-495	-1.643	-1.148	-231,9
Produtos de Metal	-607	-3.385	-2.778	-457,7
Equipamentos de Informática e Eletron.	-34	-895	-861	-2.532,4
Material Elétrico	-233	-1.230	-997	-427,9
Máquinas e Equipamentos	-501	-7.237	-6.736	-1.344,5
Veículos Automotores	-5.108	-6.884	-1.776	-34,8
Outros Equipos de Transporte	993	944	-49	-4,9
Móveis	425	-2.103	-2.528	-594,8
Produtos Diversos	391	-433	-824	-210,7
Manut e Rep de Maq e Equipos	553	-702	-1.255	-226,9
Serv. Ind. de Utilidade Pública	532	-367	-899	-169,0
Construção	5.485	-9.935	-15.420	-281,1
Construção de Edifícios	2.329	-4.151	-6.480	-278,2
Obras de Infra Estrutura	-1.334	-6.025	-4.691	-351,6
Serviços para Construção	4.490	241	-4.249	-94,6
Serviços	39.033	-21.189	-60.222	-154,3
Total	50.993	-58.796	-109.789	-215,3

Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

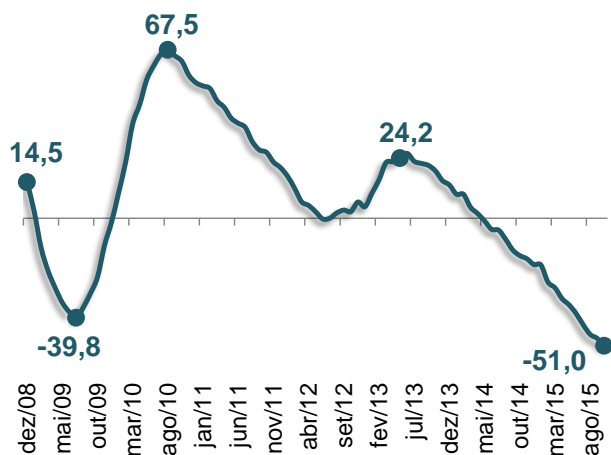
A situação do mercado de trabalho na indústria gaúcha é de fato preocupante. A geração de empregos, no acumulado em 12 meses, começou uma desaceleração em meados de 2013, com a entrada no campo negativo em maio de 2014. Com ritmo constante de queda, chegou a outubro de 2015 com o número de desligados superando o de admitidos em 51,0 mil, um resultado até mais negativo que em julho de 2009, quando a crise financeira impactou a economia (gráfico 4.11).

Em termos de horas trabalhadas e pessoas ocupadas na Indústria de transformação, as sucessivas quedas em 2015 fizeram estes indicadores piorarem seus desempenhos na variação acumulada em 12 meses. Os dois indicadores já estavam no patamar negativo desde o terceiro trimestre do ano passado. Através do gráfico 4.12, percebe-se que a queda nas horas trabalhadas foi mais intensa durante todo o ano em relação ao número de pessoas ocupadas, na mesma base

de comparação (-7,5% e -5,6%, respectivamente). Esse fato pode ser explicado pelo uso do sistema de *lay-off* por parte das empresas, onde são reduzidas as horas de trabalho semanais com objetivo preservar empregos.

Gráfico 4.11. Geração de empregos formais na Indústria de transformação do RS

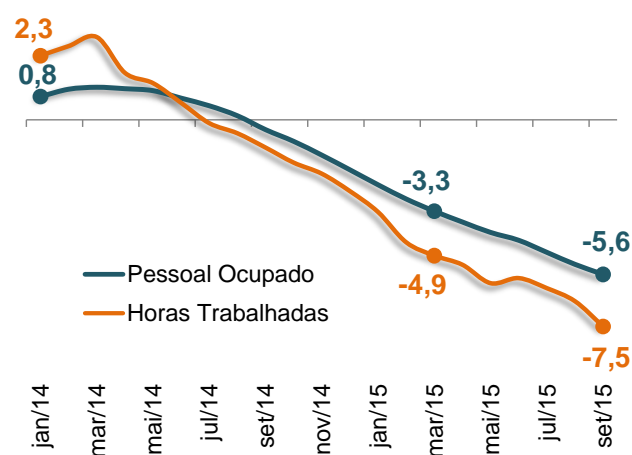
(Em mil pessoas – acum. em 12 meses)



Fonte: MTE/CAGED. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.12. Horas trabalhadas e pessoal ocupado na Indústria de transformação – RS

(Var. % acum. em 12 meses)

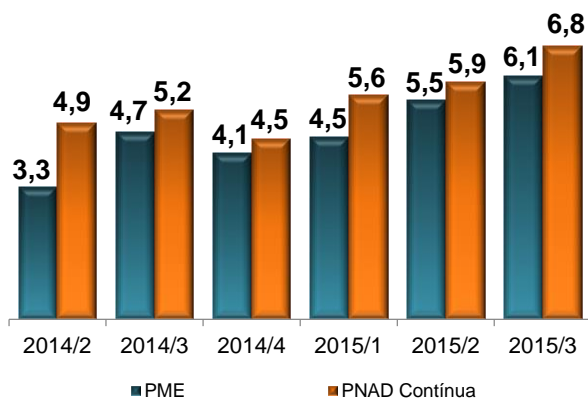


Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais.

Os dados para o desemprego no Rio Grande do Sul seguem a mesma tendência de alta do país. Tendo como base as informações da PNAD Contínua, a taxa de desemprego apresentou um aumento considerável em 2015, passando de 4,5% no quarto trimestre de 2014 para 6,8% no terceiro trimestre de 2015. Em média, a taxa nos três trimestres observados de 2015 foi de 6,1%, enquanto nos três trimestres anteriores a média foi de 4,9%, um aumento de 1,2 p.p. Para a região metropolitana de Porto Alegre, com base na PME, o aumento observado no terceiro trimestre de 2015 em relação ao último trimestre de 2014 foi de 2,0 p.p., passando de 4,1% para 6,1%. Se comparado ao segundo trimestre de 2014, a elevação se torna mais expressiva: 2,8 p.p. (de 3,3% para 6,1%).

Gráfico 4.13. Taxa de desemprego na região metropolitana de Porto Alegre e no RS

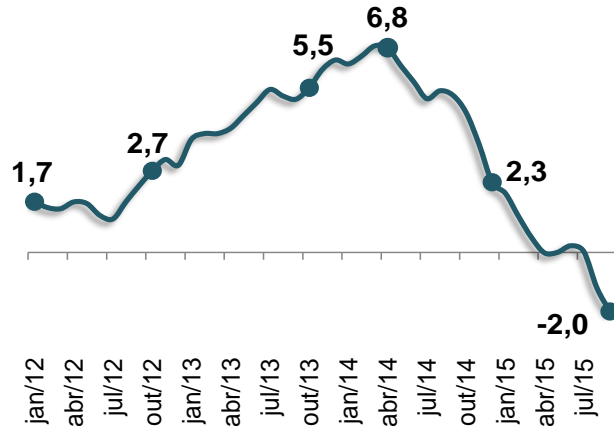
(Em % no trimestre)



Fonte: IBGE/PME e PNAD Contínua. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 4.14. Rendimentos médios reais efetivamente recebidos – região metropolitana de Porto Alegre

(Var. % acum. em 12 meses)



Fonte: IBGE/PME. Elaboração: FIERGS/UEE.

Diferentemente do ocorrido no ano passado onde, mesmo com o forte arrefecimento do mercado de trabalho, os rendimentos dos trabalhadores da região metropolitana de Porto Alegre não sofreram grande impacto, os salários em 2015 acompanharam as quedas nos níveis de emprego e apresentaram baixas significativas. Em janeiro, os rendimentos médios reais ainda apresentavam crescimento de 2,0% na variação acumulada em 12 meses. Entre março e julho praticamente não ocorreram ganhos nem perdas reais, com a variação ficando próxima de zero. No entanto, os meses de agosto e setembro apresentaram perdas reais de 1,2% e 2,0%, respectivamente, na mesma base de comparação. Esse fato mostra que a crise tem impactado de forma direta o poder de compra das pessoas, o que tem ligação direta com suas decisões de consumo e investimento, alterando o padrão de vida levado.

Assim como no restante do País, os números do mercado de trabalho gaúcho não são animadores. No Estado, a menor geração de empregos já se refletiu em um aumento da taxa de desemprego, cujo movimento de elevação deve apresentar continuidade ao longo dos próximos meses.

Perspectivas para 2016

O agravamento da crise econômica impactou fortemente os números do mercado de trabalho com aumento nas taxas de desemprego, aumento nos desligamentos e forte retração nas contratações, resultado da baixa confiança na melhora da economia. As estimativas apontam que em 2015 serão fechados 1.278,7 mil postos de trabalho no Brasil, um resultado muito inferior ao apresentado em 2014, quando 419,7 mil vagas foram criadas. O setor mais afetado continua sendo a Indústria, que em 2014 fechou 269,2 mil vagas e, para 2015, as estimativas indicam a perda de mais de 1,0 milhão, um resultado 274,2% menor em termos relativos.

No Estado, o cenário para o fechamento de 2015 segue a mesma direção do país e mostra uma significativa quantidade de empregos perdidos. Estima-se que 79,5 mil vagas sejam fechadas no acumulado do ano, frente a um resultado de 23,5 mil geradas em 2014, o que representa uma variação negativa de 436,9%. Assim como no âmbito nacional, o setor industrial é o que demonstra maior fragilidade, com 69,4 mil postos de trabalho destruídos em 2015 (-269,1% em relação ao saldo de 2014), sendo que 76,2% deste resultado negativo é atribuído à Indústria de transformação (52,9 mil vagas fechadas).

As projeções quanto ao saldo de geração de empregos para 2016 serão feitas em três cenários. No **cenário base**, onde espera-se uma continuação da recessão na maior parte do ano, a expectativa é que 1.182,6 mil vagas de empregos formais sejam fechadas. Isso significa um resultado um pouco menos negativo que o de 2015, porém ainda expressivo se considerarmos que a média entre 2006 e 2014 foi de 1.576,2 mil empregos gerados por ano. Entre os setores, a Indústria deve seguir fechando vagas, mas em ritmo mais lento que nos últimos dois anos. O setor de Serviços deve ser o maior responsável pelo saldo negativo, com 780,5 mil vagas fechadas. Por ser o mais intensivo em mão de obra, mesmo pequenas variações na atividade impactam fortemente o nível de emprego no setor. A surpresa positiva pode vir por parte do setor agropecuário, com a expectativa de criação de 29,3 mil empregos em função do aumento de produção projetado para o próximo.

Ainda no **cenário base**, para o Rio Grande do Sul, a expectativa é que sejam perdidos 92,7 mil postos de trabalho formais. Entre os três grandes setores, todos devem apresentar mais demissões do que contratações no próximo ano, com Agropecuária e Serviços intensificando o fechamento de vagas em relação a 2015 (1,0 mil e 11,0 mil em 2015 contra 3,7 mil e 46,4 mil em

2016, respectivamente) e a Indústria com ritmo mais lento (69,4 mil em 2015 contra 42,6 mil em 2016).

No **cenário superior**, a expectativa é que ocorra uma desaceleração no ritmo de queda na atividade econômica no Brasil, com uma leve melhora no segundo semestre de 2016. Nesse caso, a perda de vagas deverá ser menor em relação a 2015, com 224,7 mil vagas fechadas no ano. Para o Estado, a situação deve ser semelhante e, mesmo no melhor cenário, a expectativa é de fechamento de postos de trabalho (26,1 mil vagas). Essa leve melhora deve ser pautada no aumento da confiança dos empresários e melhor desempenho do setor exportador.

Por fim, o **cenário inferior** apresenta uma intensificação na destruição de postos de trabalho em função da manutenção do ritmo de queda no produto do país, principalmente, pelo agravamento da crise política. Nesse cenário, a estimativa é que sejam fechadas cerca de 2.072,2 mil vagas e, somado com o desempenho de 2015, o fechamento de postos de trabalho chegaria a 3.350,9 mil. No Estado, por sua vez, a expectativa é de perda de 147,0 mil vagas, com queda disseminada no desempenho dos três grandes setores.

Tabela 4.3. Geração de postos de trabalho formal – Brasil

(Em mil pessoas)

	2014	2015*	Cenários 2016		
			Inferior	Base	Superior
Agropecuária	-0,2	-12,0	-8,8	29,3	44,0
Indústria	-269,2	-1.007,4	-1.029,8	-431,5	-160,3
Indústria de Transformação	-162,8	-541,1	-843,7	-360,9	-114,5
Construção Civil	-109,0	-447,5	-155,2	-54,7	-35,5
Outras	2,6	-18,9	-31,0	-15,9	-10,3
Serviços	689,2	-259,2	-1.033,6	-780,5	-108,4
Total	419,7	-1.278,7	-2.072,2	-1.182,6	-224,7

Fonte: MTE/CAGED. Projeções: FIERGS/UEE. *Estimativa

Tabela 4.4. Geração de postos de trabalho formal – Rio Grande do Sul

(Em mil pessoas)

	2014	2015*	Cenários 2016		
			Inferior	Base	Superior
Agropecuária	-0,1	1,0	-5,9	-3,7	2,0
Indústria	-18,8	-69,4	-56,8	-42,6	-17,2
Indústria de Transformação	-18,8	-52,9	-47,4	-38,0	-17,6
Construção Civil	-0,9	-15,9	-9,3	-4,7	-0,6
Outras	0,9	-0,6	0,0	0,0	1,1
Serviços	42,5	-11,0	-84,3	-46,4	-11,0
Total	23,6	-79,5	-147,0	-92,7	-26,1

Fonte: MTE/CAGED. Projeções: FIERGS/UEE. *Estimativa